

Nem empresas de tecnologia escapam

O impacto mais sério da desaceleração global será sentido primeiro pelos exportadores, especialmente os ancorados nas commodities (produtos básicos, agrícolas e minerais, com preço cotado no mercado internacional). O economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) Sérgio Mendonça destaca que as empresas sofrerão tanto com a redução do volume de vendas, como dos preços, por causa da retração da procura externa por esses insumos.

Entretanto, empresas que trabalham com alto valor agregado e tecnologia de ponta não estarão livres dos efeitos do desaquecimento. Com 90% de suas receitas provenientes de exportações — 48% somente para a América do Norte —, a Embraer teme queda nas vendas. Na crise de 2008, a terceira maior fabricante de jatos comerciais do mundo demitiu de uma só vez 20% de sua força de trabalho, equivalente a 4,2 mil empregados, em função da queda das encomendas de novas aeronaves.

Outros setores também deverão rever seus planos de investimentos. “Na melhor das hipóteses, diminui o número de projetos previstos. Vagas que seriam criadas acabam não saindo mais do papel”, afirma Mendonça. A indústria automobilística também pode sofrer retração já que suas matrizes no exterior poderão repatriar recursos ou mesmo exigir corte de custos nas filiais brasileiras para fazer frente à redução da atividade nos países de origem.

Se houver desaquecimento

Breno Fortes/CB/D.A Press - 1/9/10



Com receitas compostas em 90% por exportações, Embraer pode ter que reduzir pessoal, como em 2008

mais forte da economia brasileira, avisa o economista do Dieese, todos os setores serão afetados, inclusive o de serviços, que foi o principal gerador de novos postos de trabalho dos últimos anos. O professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro João Saboia avalia que, nesse caso, os mais afetados serão os de menor salário. “Se a crise se aprofundar

e atingir o Brasil, as pessoas que vão sofrer mais são as que ganham menos.” Para Saboia, além de manter o emprego dos atuais trabalhadores, o país precisa gerar vagas para o contingente que entra no mercado em busca de uma colocação todo ano.

Dados do Ministério da Previdência Social, com base em informações da Guia de Recolhimento do FGTS e Informações à Previ-

dência (Gfip) entregue pelas empresas em 2010, mostram que quase todos os postos de trabalho criados no primeiro mandato do governo Lula foram de vencimentos baixos, de até dois salários mínimos. Entre 2007 e 2010, houve maior oferta de empregos com remuneração acima de três mínimos, mas a maioria (84%) foi até essa faixa, dos quais 67% ficaram limitados a dois. (AD)